

# Os “Comentários” de Silva y Figueroa sobre o mundo natural marinho: Perceção da natureza durante as viagens oceânicas no decorrer dos séculos XVI e XVII

CRISTINA BRITO \*

## Introdução

A embaixada de D. Garcia de Silva y Figueroa à Índia e à Pérsia decorreu entre os anos de 1614 e 1624, numa tentativa de estabelecer ligações privilegiadas e estratégicas contra o Império Otomano. Os resultados da embaixada não foram os inicialmente esperados, já que esta se desenvolveu num ambiente hostil. O embaixador espanhol não encontrou acolhimento amigável da parte das autoridades Goa e a sua postura de aristocrata altivo não foi apreciada nem na corte Safávida, então em processo de ruptura com Farangis portugueses, nem junto das comunidades de missionários portugueses desde longa data estabelecidas na Pérsia.<sup>1</sup> No entanto, o embaixador D. Garcia de Silva y Figueroa foi um diarista verdadeiramente compulsivo, e ao longo da sua missão de vários anos, para além de redigir um alargado conjunto de missivas diplomáticas, escreveu uma extensa e muito completa relação de viagem, os “Comentários”,<sup>2</sup> que apenas seria publicada em 1903-1905 em Madrid.

Nos seus “Comentários”, que mostram em detalhe a história das pouco estudadas relações que a Coroa Ibérica, a partir de Goa, manteve com a Pérsia Safávida, Silva y Figueroa detalha variados pormenores da viagem. No que ao mundo natural diz respeito, aqui inclui desde aspetos do clima e do estado do mar, passando pela geo-

\* CHAM, FCSH – Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores.

A autora agradece a Rui Loureiro pelo convite a participar no “2º Workshop A Embaixada à Pérsia e os “Comentários” de Don García de Silva y Figueroa (1614-1624)”, bem como na presente publicação sobre Silva y Figueroa. Agradece ainda a Cristina Picanço pela atenta revisão deste texto. Este trabalho foi realizado no âmbito de uma Bolsa de Pós-Doutoramento da FCT (SFRH/BPD/63433/2009).

<sup>1</sup> Mais informações sobre o projeto “Relações de Portugal com a Pérsia durante a União Ibérica” podem ser encontrados em <http://www.cham.fcsh.unl.pt/ext/garciasilvafigueiroa.html>

<sup>2</sup> García da Silva y Figueroa, *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del rey de España D. Felipe III hizo al rey xa Abas de Persia* (2 vols., Madrid, 1903-1905).

grafia, até aos típicos aspetos da navegação e da vida a bordo. Descreve também inúmeras outras situações relacionadas com a vida natural envolvente, dando inclusivamente atenção detalhada à vida marinha encontrada ao longo da sua viagem. Assim, aponta a ocorrência de tubarões e outros peixes, baleias e outros cetáceos, corvos-marinheiros e outras aves, lobos-marinheiros, e muitos outros monstros marinhos. Não relata apenas a sua presença, como detalha em pormenor aspetos da sua biologia e comportamento, e compara entre si as várias espécies e a sua ocorrência em diferentes locais. Nas descrições do mundo natural existentes nos “Comentários” de Silva y Figueroa fica patente uma apreciação pelos novos ambientes e um interesse particular no exótico e curioso, mas também um conhecimento, da parte do seu autor, daquilo que já na Europa se sabia.

Na sequência das viagens oceânicas efetuadas pelos reinos ibéricos, e de outras nações europeias, viviam-se, em plenos séculos XVI e XVII, momentos de aquisição e assimilação de nova informação, tanto geográfica, como natural e cultural, a um ritmo extremamente acelerado. Associando a revolução dos Descobrimentos e do Renascimento ao advento da imprensa, como veículo de rápida divulgação de informação, verificamos que até aquele momento nunca tinha havido tão rápida acumulação de conhecimento e de forma tão significativa. O significado civilizacional dos Descobrimentos radica nesta revolução quantitativa e qualitativa, numa abertura comunicativa dos mundos do mundo que, por sua vez, levou à explosão dos horizontes tradicionais do conhecimento e do acontecimento.<sup>3</sup> Todos estes fatores em conjunto criaram uma grande plasticidade de mentalidades nos homens do século XVI e XVII face a novidades encontradas e a diferentes realidades. Silva y Figueroa era já um homem desta nova realidade cultural. Como veremos de seguida, o autor mostra, e a par de outros autores coevos, um espírito naturalista bastante vincado, com uma capacidade crítica de observação e um marcado interesse pelo meio natural que foi descobrindo no decorrer de toda a sua viagem.

### Mundo natural marinho nas viagens oceânicas do século XVI e XVII

Nos relatos das viagens oceânicas surgem amiúde referências e descrições dos elementos naturais, como o clima e a geografia, mas também sobre a flora e a fauna [Figura 1]. A ocorrência de animais marinhos – peixes, répteis, aves e mamíferos – acontece ao longo das viagens marítimas que atravessam o Atlântico ou que seguem para o Índico e a indicação da sua presença é determinante para a localização da nau e para situar a sua posição relativamente a terra. No entanto, para além de meros indicadores geográficos, e de servirem o propósito utilitário na alimentação dos

<sup>3</sup> Luís Filipe S. Barreto, *Portugal mensageiro do mundo renascentista: Problemas de cultura dos Descobrimentos Portugueses* (Lisboa, 1989).

viajantes, os animais marinhos também fornecem um manancial informativo para a história natural.

Existe já um vasto corpo documental sobre o tema e a historiografia atual começa a despertar para estas temáticas. Por este motivo, bem como dada a sua riqueza biológica e a criatividade das descrições, é de todo o interesse mencioná-las aqui. Este é um riquíssimo manancial de informação histórica que não merece ser esquecido e que, dizendo respeito a grupos diversos de animais marinhos, mostra a variedade e abundância das descrições e, conseqüentemente, a importância do conhecimento sobre o meio marinho para os viajantes e navegadores da época.

Vejamos alguns exemplos, como na *Relação do Naufrágio da Nau Santiago no anno de 1585 e Itinerário da gente que delle se salvou escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias*, em que podemos ler referências a vários tipos de mamíferos marinhos, desde as baleias aos cavalos-marinheiros, hoje os conhecidos hipopótamos:

[...] Começaram a ter alguns prognósticos de ruim viagem; porque aqui deram com um peixe, que ninguém soube determinar que peixe era. A feição era de uma baleia não muito grande, fusco e mal encarado, o qual logo a fuzgou todo o outro peixe que vinha com a nau; e nunca os desamparou até à noite, em que se perderam; porque ainda aquela tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nau lançando grandes refolhos de água, como que folgava, ou avisava do que havia de suceder. [...] À sexta-feira viram muitas baleias [...] a seguiu [a nau] (como já disse) um baleato, e o dia em que se a nau perdeu, foi diante dela, como que a guiava para alguma desventura.<sup>4</sup>

Postos da outra parte do rio, saiu a eles um cavalo-marinho, que pelo não terem nunca visto cuidaram ser badá, e com o medo e pressa se meteram pela vaza, atolando-se até à cinta, no que passaram trabalho; porque o cavalo-marinho dava mostra de os seguir, mas logo se tornou a meter no mar.

Há neste rio muitos cavalos-marinhos muito grandes, e de feio aspecto; têm os pés tão grandes como de elefantes, as pernas curtas, o corpo disforme, e que ao longe parece de bada; têm a boca muito grande, e rasgada, a cor é parda, que tira a preto, como a dos lobos-marinho; só de cavalo têm o pescoço, com grande cacho, orelhas e rincho. Arremetem às embarcações, e muitas vezes as viram; por onde o mocadão vai sempre com muito tento batendo a água com uma vara para os espantar, e desta maneira os afasta da embarcação.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima [1688-1759]*, ed. D. Peres (3 vols., Barcelos, 1942), vol. 3, pp. 62-63.

<sup>5</sup> Brito, *História Trágico-Marítima*, vol. 3, pp. 121-122.

Uma outra descrição que menciona a ocorrência de leões-marinhos:

«Ao entrar vimos estendidos ao sol nos penhascos alguns leões marinhos muito grandes que parecem monstros horrendos [...] e mataram um leão marinho muito grande que estava a tomar sol numa pedra a curta distância do navio, e tendo metido com alto trabalho na lancha, o trouxeram abordo, e com ele outros leões pequenos, que os colheram vivos [...]. Estes leões têm maior corpo que os grandes leões de África, e na cabeça e colo se parecem em todo a eles: de meio corpo até atrás não têm figura de Leão senão de peixes; não têm pés, mas esta falta a suplantam com duas barbatanas, das quais, e de outras no colo se servem para nadar na água, e para andar em terra, ainda que não podem correr muito, de sorte que facilmente se pode escapar um homem, se se vê acometido deles, os quais apenas investem quando os irritam; alcançam grandes forças e se colheram algum fazem grandes peças com os dentes; tem uma pele grossa e o pelo mais áspero que os lobos marinhos, dos quais se diferenciam também pela melena que se parece algo com as dos leões de terra, embora não seja tão larga [...] deixámos as bandas do Norte da Ilha dos Leões onde vimos mais de cem, que vinham arrojarem-se ao mar [...].<sup>6</sup>

Como já mencionado, surgem também outros animais marinhos, para além dos mamíferos marinhos, que são descritos nos relatos e crónicas das viagens oceânicas, desde os peixes-voadores aos dourados [Figura 2], e muito outros habitantes dos oceanos:

As douradas andam sobre a água, e às vezes mostrando os lombos, e levantam estes pescadinhos voadores, aos quais seguiam por come-los, os quais fugiam com o seu voo, e as douradas prosseguem correndo atrás deles; por outra parte, as gaivotas ou gavinas no ar tomavam muitos dos peixes voadores; de maneira que nem acima nem abaixo não teriam segurança; e este mesmo perigo têm os homens nas coisas da vida mortal, que nenhum seguro há para o alto nem baixo estado da terra; e isto apenas deveria bastar para que os homens se lembrem daquela segura folgança que tem Deus para quem o ama, e deixar os pensamentos do mundo, e pô-los na vida eterna, em que está a perpétua segurança.<sup>7</sup>

A noite, véspera de Todos os Santos, uma tempestade nos levou da Barbaria para o lado do Prasil. Quando estávamos a 400 milhas da Barbaria grande, um

cardume de peixes cercou o navio; apanhámos muitos com o anzol. Alguns, grandes, eram dos que os marinheiros chamavam Albakores. Outros, Bonitas, eram menores, e ainda a outros chamavam Durados. Também havia muitos do tamanho do harenque, que tinham azas nos dois lados, como os morcegos, e eram muito perseguidos pelos grandes. Quando percebiam isso, saíam da água em grandes cardumes e voavam, cerca de duas braças acima da água; muitos caíam perto e outros longe a perder de vista; depois, caíam outra vez na água. Nós os achávamos frequentemente, de manhã cedo, dentro do barco, caídos durante a noite, quando voavam. E são denominados na língua portuguesa – pisce bolador.<sup>8</sup>

[...] Todo este canal [da ilha de Luanda] tem muita pescaria, e especialmente de sardinhas e enguias em tamanha quantidade, no Inverno, estes saltam para terra; e de outras espécies de peixes muito bons, como linguados, solhos, barbos, e de todo o nobre peixe, e de lagostas, grandes e bastantíssimas, em quantidade tal e sadias que a maior parte dos homens daquela costa vivem delas.<sup>9</sup>

Cavazzi descreve inúmeros peixes no seu capítulo sobre “animais aquáticos e serpentes”, desde o peixe-voador, corvinas, tubarões, o linguado e o peixe-elefante:

O peixe-voador, conhecidíssimo em todo o oceano, pode fugir das insídias do peixe-dourado, levantando-se a voo por cima das águas. Mas, depois de um breve espaço, cai miseravelmente na boca aberta do seu inimigo. Estes peixes abundam no vasto oceano, para proveito dos pescadores e para distração dos navegantes.<sup>10</sup>

O linguado é o mais saboroso e o mais substancioso de todos os peixes. O peixe-elefante, ou nsonji, de um palmo e meio de comprimento, tem a sua pequena probóscida como o elefante terrestre. O focinho, porém, é pequenino. É comida delicadíssima. É certíssimo que estas praias gozando sempre de perfeita tranquilidade, são abundantíssimas em toda a espécie de peixes.<sup>11</sup>

<sup>6</sup> Anónimo, *Colección de diarios y relaciones para la historia de los viajes y descubrimientos* (4 vols., Madrid, 1943), vol. 1, p. 135.

<sup>7</sup> Gonzalo Fernández de Oviedo, *Sumário de la Natural História de las Indias*, ed. Nicolás del Castillo Mathieu (Santa fé de Bogotá, 1995), pp. 151-152.

<sup>8</sup> Hans Staden, *Viagem ao Brasil (Versão do texto de Marburgo de 1557)*, ed. Alberto Löfgren (Rio de Janeiro, 1930), pp. 30-31.

<sup>9</sup> Filippo Pigafetta & Duarte Lopes, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*, ed. Luís de Albuquerque & António Luís Ferronha (Lisboa, 1989), cap. 4.

<sup>10</sup> João António de Montecúccolo Cavazzi, *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola* [1687], ed. F. Leite Faria (2 vols., Lisboa, 1965), p. 72.

<sup>11</sup> Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 73.

## Os animais marinhos de Silva y Figueroa

Nos “Comentários” de Silva y Figueroa encontramos vários capítulos com entradas sobre os animais marinhos encontrados e são mencionadas espécies de inúmeros grupos taxonómicos de animais marinho. Assim, na sua obra, encontramos menções a peixes (dourados, albacoras<sup>12</sup> e tubarões<sup>13</sup>), a aves (corvos marinhos,<sup>14</sup> alcatrazes<sup>15</sup>) e a mamíferos marinhos (lobos marinhos; baleias e golfinhos; hipopótamos). Vejamos abaixo alguns exemplos das descrições de Silva y Figueroa sobre cetáceos, a primeira, que aqui citamos, referente a golfinhos e a segunda a baleias:

[...] **grandes manadas de delfins, que é comum ver-se no Mediterrâneo** quando quer vir alguma tormenta, neste Oceano apareciam sempre que havia de sobrevir calma; se esta não fosse já outra espécie, com pouca diferença, dos delfins, a quem a gente do mar chama **toninhas, não se distinguindo quase uns dos outros**, e embora se diga que em outras viagens se matavam alguns a partir das naus, não sucedeu neste nem se pode ver bem a sua forma e grandeza, porque nunca se acercavam, a menos de cem passos da nau, mas de ver-se o dorso, que era muito negro, que levam fora de água, e que a esta distância deles se podia julgar que eram maiores que os tubarões [...].<sup>16</sup>

[...] apareceram pouco mais de 100 passos da nau, à parte de estibordo, **duas grandes baleias** juntas, a maior das quais que era a que se viu mais próxima, mostrou ser de uma grandeza incrível, porque tendo toda coberta a cabeça debaixo de água, se via às vezes muita parte do seu grande dorso e corpo superior, que o tinha muito encurvado e proeminente, e quando chegava a descobrir a barbatana que as baleias têm no meio como os demais pescados, que à vista seriam de mais de uma braça, logo começava a ver-se o que restava daquele **prodigioso cete** [...]. Era tão larga como nossa nave, que deve ter mil e quatrocentas toneladas [...] outros afirmavam que era muito maior. [...] Neste mesmo dia pela manhã se haviam visto a menos de trinta passos da nau **outras três ou quatro baleias** [...] **mas sem nenhuma comparação**

<sup>12</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 12.

<sup>13</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 17-18.

<sup>14</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 32.

<sup>15</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 36.

<sup>16</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 25. Noutra passagem, o autor refere-se também aos tubarões: “Seguíam as naus grande quantidade de tubarões, mas de muito menos grandeza de como vulgarmente se figuravam às pessoas que antes falavam deles. Sua forma propriamente dita é como a de um cão, com aquelas barbatanas por todo ele [...]” (pp. 10-12). O autor segue descrevendo detalhadamente o animal observado, as suas características mas também a forma de os pescar e comer.

**menores que esta, embora algumas descobrindo a cabeça lançavam pelo alto dela para cima dois grossos golpes e canos de água.**<sup>17</sup>

As baleias e os golfinhos (animais pertencentes à ordem taxonómica Cetacea) são muitas vezes descritos nas viagens oceânicas, provavelmente pelo facto de em muitas ocasiões seguirem e acompanharem as embarcações por longos períodos de tempo, o que permite algumas vezes distinguir os animais uns dos outros. Nestas duas passagens, o autor compara o que observou com outras espécies, diferentes, já conhecidas de outras regiões. Os golfinhos observados são comparados com os do Mediterrâneo e as baleias com outras espécies distintas observadas ao largo da Guiné. Em inúmeras passagens sobre os animais marinhos que encontra, Silva y Figueroa vai descrevendo o que observa e comparando com o que é conhecido para Espanha e Itália. Mostra, assim, um espírito atento aos detalhes da anatomia (e eventualmente, taxonomia) destes grandes animais e uma observação cuidada perante as várias novas formas de vida que a natureza lhe apresenta. Na obra de Silva y Figueroa lê-se, assim, que a história dos descobrimentos marítimos, paralelamente a ser uma história de achados, é a história do encontro com a natureza e os ambientes que envolviam cada viagem e exploração, e, inevitavelmente, da comparação imediata com o que existia em espaços já de antes conhecidos.

A sua obra é, portanto, rica em descrições de animais marinhos, tanto os já conhecidos como os novos e exóticos. Nestes termos encontramos as descrições sobre lobos-marinhos:

Apareceu por estibordo da nau **um grande lobo marinho, o qual era de muito diferente forma e grandeza dos que ordinariamente se vêm nestas paragens. Todos os marinheiros dizem que não era lobo, senão algum estranho monstro do mar, vendo-o tão grande e levantado sobre a água, mas ele era próprio lobo marinho destes do Oceano, a quem os latinos chamam vitulo ou boi marinho** [...].<sup>18</sup>

Este que aqui apareceu era de monstruosa grandeza e se mostrava muito direito nadando, até descobrir os braços ou barbatanas com que rompia a água, levantando sobre elas mais de meia braça, com uma grande cabeça e muito redonda, grandes e espantosos olhos, e atrás da boca uns grandes e espessos pelos [...]. Finalmente, era **este lobo marinho da mesma forma que ordinariamente se viram muitos em todas as ilhas despovoadas do Oceano nas nossas Índias Ocidentais. No Mediterrâneo, embora aí também exista esta mesma espécie de vitulos marinhos, a quem os italianos chamam vitelas, são muito menores se comparados com estes do Oceano, havendo naquele**

<sup>17</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 30-31.

<sup>18</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 59-60.

**mar também outros lobos muito menores que os vitelos, a que propriamente os italianos chamam lupos, e estes se acham mais de ordinário [...].**<sup>19</sup>

As referências a focas, lobos-marinhos e leões-marinhos (animais pertencentes a várias famílias da ordem taxonómica Carnívora) são recorrentes nas descrições das viagens marítimas pelo Atlântico. Estes são mamíferos marinhos que passam parte do seu ciclo de vida em terra (seja para descansar ou para se reproduzir) e são facilmente observáveis e, assim, incluídos nas descrições e relatos. Silva y Figueroa, como homem do Renascimento, seguia um movimento intelectual em que se procurava um regresso ao passado através do conhecimento das antigas obras clássicas. Esta comparação, que observamos na citação acima quando o autor menciona e compara o lobo marinho encontrado com o que era conhecido pelos latinos, é a essência do enorme salto adiante no estabelecimento do conhecimento natural. Foi, de facto, o conhecimento dos diversos trabalhos, viagens e conceções geográficas e naturais dos Gregos que favoreceu, em parte, as grandes viagens marítimas portuguesas e obtenção de novo saber natural.<sup>20</sup> As viagens por mares e terras não explorados levavam os homens ao encontro de uma natureza inóspita e colocavam-nos face a ambientes diferentes e singulares. Obrigavam-nos a enfrentar a novidade e a perplexidade relativamente à fauna e flora encontradas, e a toda uma história natural completamente incógnita e deveras admirável. Também aqui podemos facilmente perceber que a fantasia criada em torno dos então chamados monstros marinhos encontra o seu fundamento em vislumbres de animais reais, nas raras e surpreendentes observações de seres marinhos que permaneciam um verdadeiro mistério. É igualmente importante compreender que desde sempre se denominou por monstros, marinhos ou não, tudo aquilo que não se conhecia ou que era surpreendentemente grande. Um animal novo, um ser nunca antes observado, ou apenas os indícios de uma baleia diferente a vir respirar à superfície, podiam ser a fonte para as mais imaginativas descrições sobre animais que, hoje em dia, qualquer especialista reconhece. As descobertas geográficas e as explorações começavam a aumentar de modo muito significativo o inventário do mundo vivo, embora não se tenha rompido brutalmente com crenças anteriores.<sup>21</sup>

Os monstros marinhos surgem com bastante frequência nas crónicas ibéricas das viagens oceânicas e de exploração dos novos territórios, nos relatos de pilotos e também nas descrições de naufragos entre os séculos XV e XVII. São vários os viajantes e exploradores que descrevem estranhos seres e a forma como o encontro

<sup>19</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 60.

<sup>20</sup> Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, trad. M. Ruas (2 vols., Lisboa, 1984), vol. 1, p. 53.

<sup>21</sup> Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, vol. 1, p. 136.

com monstros desconhecidos afetava as pessoas. Sobre cavalos-marinhos, os temíveis hipopótamos, escreve Silva y Figueroa:

[...] não tendo mais aparência de cavalos que a propriedade audível, dando grandes relinchos como os cavalos de terra, por cuja causa lhe chamaram hipopótamos que é o mesmo que **cavalos de rio**.<sup>22</sup>

Estas descrições são recorrentes e podemos encontrar descrições semelhantes na obra de Cavazzi, onde também encontramos representações visuais dos mesmos [Figura 3]:

O chamado **cavalo-marinho**, por ser semelhante ao terrestre na cabeça e nas costas, é, porém, classificado entre os peixes, de maneira que se come livremente nos dias de abstinência.<sup>23</sup>

Na obra de Silva y Figueroa são também comumente referidos os tubarões:

Seguiam as naus **grande quantidade de tubarões, mas de muito menos grandeza de como vulgarmente se figuravam às pessoas que antes falavam deles**. Sua forma propriamente dita é como a de um cação, com aquelas barbatanas por todo ele [...]. Havia já alguns dias que nos tinham deixado os tubarões, e aqui voltaram a aparecer quantidades deles.<sup>24</sup>

Cavazzi também refere os tubarões [Figuras 4 e 5]:

**O tubarão, armado de cinco ordens de dentes agudíssimos**, odeia mortalmente o homem, e poucas vezes os grupos de pescadores conseguem evitar as suas insídias, pagando, um ou outro, a sua dízima. Isto pude eu ver na barra do Dande, em 1662.

O mesmo aconteceu na minha presença em 1666, quando, lançando-se um homem nas águas do mar, para tomar um banho, imediatamente e sem possibilidade de ser socorrido foi assaltado e devorado por um destes peixes. E se em todo o tempo os tubarões são furiosos, maior ferocidade têm quando, impelidos pelo natural instinto de propagar a espécie, **nadam rapidamente e saltam por toda a parte, parecendo-se mais com monstros enraivecidos que com peixes**.<sup>25</sup>

<sup>22</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 60-62.

<sup>23</sup> Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 75.

<sup>24</sup> Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 10. O autor distingue, inclusivamente, espécies de tubarões diferentes (p. 35).

<sup>25</sup> Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 73.

Todos estes grandes animais marinhos, como os tubarões e outros peixes descritos por Silva y Figueroa e vários outros autores seus contemporâneos, ainda que não sendo mamíferos, são animais relativamente grandes e que podem andar à superfície da água ou saltar fora de água, motivo pelo qual são facilmente identificáveis. Particularmente sob o olhar atento e o espírito marcadamente naturalista de algumas destas pessoas que observavam, refletiam sobre as suas observações e tornavam disponíveis para uma audiência variada desejosa de receber as novidades sobre um além-mar distante, exótico e muito interessante.

Assim, o que se encontra, de forma muito clara, nos “Comentarios” de Garcia de Silva y Figueroa são novas descrições de animais, relatos detalhados dos mesmos, o uso de termos atualmente tidos como “biológicos” e ainda comparações, tanto entre espécies como entre regiões. Observa-se ainda o seu conhecimento de trabalhos de autores da Antiguidade Clássica, bem como de história natural europeia e de crónicas do Atlântico coevas, claramente refletidos nas suas descrições naturalistas sobre o ambiente marinho e os seus animais.

### A percepção da natureza no século XVII

A omnipresença de uma nova natureza impôs aos viajantes, pilotos e descobridores o desejo e a necessidade de descrição e relato nas novas evidências faunísticas e dos grandes animais que povoavam os mares e oceanos. Embora os mamíferos marinhos passem muito tempo debaixo de água, dependem de facto do ar atmosférico para respirar e viver. Vindo regularmente à superfície, numa época em que os seus efetivos seriam abundantes, tornaram-se visitantes regulares do mundo humano [Figura 6]. Mais, sendo animais sociáveis e bastante curiosos, as embarcações a velejar pelos oceanos foram um atrativo e, certamente, um motivo de brincadeira. Frequentemente se aproximavam das embarcações, como se refere na “Relação da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia” em 1505 dizendo que “baleias andam derredor das naus”.<sup>26</sup> Os elementos naturais são, neste tipo de viagens, sempre aspetos de grande importância na vida a bordo, principalmente porque funcionam, muitas vezes, como alimento e até garantia de sobrevivência. Neste último caso, porque também indicam rotas ou proximidade a determinadas costas e regiões. Mas, para além dos aspetos práticos, repetidos em roteiros e diários, desde o século XV, os animais marinhos começam progressivamente, desde o início do século XVI e durante todo o século XVII, a ser encarados como elementos integrantes de uma nova realidade natural e estar patentes em tratados e publicações sobre a história natural Europeia e exótica.

<sup>26</sup> Autores Vários, *Grandes Viagens Marítimas*, ed. Luís de Albuquerque & F. Contento Domingues (Lisboa, 1989), p. 83.

Neste período, ao nível das mentalidades, regista-se o aparecimento de novos ideais de carácter político e humanista. Uma das principais componentes foi a maior atenção ou obediência dada ao concreto, o interesse pelo rosto, paisagem, plantas, animais e geografia. Outra foi o desejo de organizar e dominar o espaço. Em todos os domínios se tentou organizar.<sup>27</sup> Durante o Renascimento, na Península Ibérica e no resto da Europa, surge o interesse por tudo quanto se publica sobre novos mundos bem como pela arte náutica. Solicita-se com frequência o serviço de pilotos, cartógrafos e cosmógrafos. Desenvolve-se uma atitude crítica com base na experiência e na observação direta, estuda-se a natureza, desfazem-se lendas relacionadas com a existência de monstros e terras desabitadas, alarga-se o horizonte geográfico e recorre-se às obras dos grandes sábios gregos como Aristóteles e Ptolomeu publicadas na Europa no século XII e a todas as novas obras medievais. Comparam-se e discutem-se as teorias acerca da posição da Terra no universo, das dimensões do globo, da repartição das águas e das terras e da habitabilidade de certas zonas. Cruzam-se continentes e há contacto entre os povos.<sup>28</sup> Em suma surge o primeiro fenómeno de globalização e há todo um clima propício à descoberta e ao conhecimento.

Durante este período houve um despertar da curiosidade pelo estudo da natureza. O desenvolvimento do espírito crítico e o novo saber proporcionado pelas viagens das Descobertas contribuíram para questionar a autoridade dos sábios da Antiguidade e para desencadear o interesse pelos fenómenos da natureza. Retoma-se esta importante via do conhecimento: a do saber baseado na observação e na experiência. A Geografia favoreceu o despertar da Zoologia e da Botânica; verificou-se um alargamento da Medicina através de estudos sobre anatomia. O europeu do século XVI estava dotado de um espírito crítico e observador que o iria conduzir a um novo saber. Todos os grandes desenvolvimentos posteriores talvez não tivessem sido possíveis sem esta reestruturação científica. Como toda a revolução esta não ocorreu de maneira isolada ou por motivos próprios. Foi sobretudo consequência de uma nova sociedade imbuída de novas ideias.<sup>29</sup>

No decorrer do século XVII, os registos ilustrados de eventos e observações da vida natural documentam igualmente o desenvolvimento da percepção visual deste nova natureza, inédita e exótica. A motivação para a preparação destes desenhos poderia ser puramente artística, administrativa no sentido de fazer a localização geográfica correta do avistamento ou científica quando detalhes sobre os espécimes eram incor-

<sup>27</sup> Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, vol. 2, pp. 147-148.

<sup>28</sup> I.M.T. Gregório, “A Máquina do Mundo n’Os *Lusíadas* de Luís de Camões, canto X, estâncias 74-90”, in *Pedro Nunes, Novos Saberes na Rota do Futuro* (Alfêite, 2003), pp. 348-354 (p. 349).

<sup>29</sup> P.C.G. Gonçalves, “Naturalismo, uma via para o saber baseado na observação e na experiência”, in *Pedro Nunes, Novos Saberes na Rota do Futuro*, pp. 367-382 (p. 367).

porados.<sup>30</sup> Alguns indivíduos e autores conseguiam identificar muitas espécies diferentes ou categorias populares de baleias enquanto outros tinham apenas um conhecimento superficial de qualquer tipo de criatura do mar. As baleias, quando não eram consideradas monstros podiam ser classificadas em peixes grandes ou mamíferos marinhos e serem englobadas em categorias comuns aos tubarões, tartarugas marinhas, morsas e focas.<sup>31</sup> Isto era válido tanto para as descrições escritas como para as representações visuais que acompanhavam os textos ou que valiam individualmente por si só.

Sendo que os animais marinhos não eram tão facilmente preservados, como espécimens da botânica ou mesmo alguns animais terrestres, as descrições escritas ou orais e as representações visuais representavam também uma das melhores formas de preservar a memória sobre estes animais. Uma descrição ou uma pintura, ou eventualmente um resto material, poderiam ser a peça-chave do conhecimento natural sobre estes animais marinhos na Europa. Aqui deu-se o início desta tendência da observação, da documentação e da representação, também ela marcadamente visual, que havia de se desenvolver de forma constante a partir do século XVIII. Desta forma, Don Garcia de Silva y Figueroa, ainda que não tendo tido o sucesso esperado com a sua Embaixada à Pérsia, conseguiu com as suas descrições contribuir para este novo *modus operandis* de observação e descrição do mundo natural que se começava a estabelecer. E, neste aspeto, Silva y Figueroa, mais do que um homem do seu tempo, foi um homem à frente do seu tempo.

<sup>30</sup> Klaus Barthelmess, "Historical whale strandings: source categories and recent research trends", in Cristina Brito & Peter G.H. Evans (eds.), *Proceedings of the European Cetacean Society Workshop Marine Mammal History* (s.l., 2009), pp. 7-11 (p. 9).

<sup>31</sup> Vicki E. Szabo, *Monstrous fishes and the mead-dark sea: Whaling in the medieval North Atlantic* (Leiden & Boston, 2008), p. 27.

## Le contexte asiatique d'une ambassade ibérique en Perse

JEAN-LOUIS BACQUE-GRAMMONT \*

La préparation et la réalisation de l'ambassade en Perse de Don Garcia de Silva Figueroa (1612-1619) se placent à un moment du règne de Châh Abbâs où les événements se révèlent particulièrement favorables pour celui-ci. Certes, l'envoyé de la Double-Monarchie fut retenu trois années à Goa du fait du mauvais vouloir du vice-roi Dom Jérôme Azevedo, mais ne l'eût-il pas été à son arrivée dans la capitale de l'Estado da Índia qu'il aurait déjà trouvé le souverain safavide vainqueur sur tous les fronts et fort peu disposé à ne pas tirer sur le plan diplomatique le meilleur parti de la position dont il jouissait.

Il convient de rappeler l'état dans lequel se trouvait l'empire Safavide lorsque le jeune Abbâs monta sur le trône le 1<sup>er</sup> octobre 1587. Neveu du dangereux psychopathe Ismail II (1576-1577), fils de l'incapable Mohammad Khodâ-bande (1577-1588), frère cadet du prince Hamza, jeune héros assassiné, le nouveau souverain voyait à quelles conséquences avaient mené les rivalités et l'impéritie des chefs de clans *Kizilbach*, « Têtes rouges », Turkmènes restés fanatiquement fidèles à la doctrine de Châh Ismail et qui avaient mis à profit dix années d'anarchie pour s'emparer d'un pouvoir fragile. Cette anarchie avait également excité les convoitises des puissants voisins. À l'ouest, les Ottomans s'étaient emparé de la zone caucasienne naguère contrôlée par les prédécesseurs d'Abbâs, puis de l'Azerbaïdjan, devenu un simple beylerbeylicat relevant du sultan d'Istanbul. Réaliste, Abbâs mit aussitôt un terme à une situation critique en signant, le 21 mars 1589, une paix désastreuse par laquelle il abandonnait aux adversaires tout ce qu'ils avaient conquis et en leur remettant en otage son neveu Haydar. À l'est, les Uzbeks, ennemis de toujours, avaient pris Hérat et la plus grande partie du Khorasan. Ainsi privé de quelques-unes de ses provinces les plus productives, Abbâs allait cependant renverser la situation en quelques années. À côté de l'armée tribale des *Kizilbach* et malgré l'hostilité de celle-ci à son entreprise, il commença par créer une nouvelle armée, celle des *Châh seven*, « ceux qui aiment les Châh », composée de convertis géorgiens et arméniens, ainsi que d'autres caucasiens, bientôt pourvue d'armes à feu et instruites par des étrangers comme les frères Sherley. Les premiers qui en éprouvèrent les effets furent

\* C.N.R.S., Paris.